

---

***Groupe μ: retórica e semiótica\****

Elizabeth Harkot-de-La-Taille<sup>i</sup>

---

**Resumo:** Este artigo se estrutura em quatro partes seguidas de “Considerações finais”. Inicialmente, introduzimos o *Groupe μ* e contextualizamos algumas de suas principais obras fundacionais. Em seguida, apresentamos um panorama geral da retórica clássica e situamos as contribuições do *Groupe μ* no contexto das duas principais vertentes da Nova Retórica, a partir da segunda metade do século XX. Na terceira parte, exploramos o deslocamento progressivo de sua produção intelectual para o campo da semiótica, destacando suas contribuições tanto para a expansão desse domínio quanto para a consolidação de uma semiótica cognitiva emergente. Por fim, delineamos os principais fundamentos dessa semiótica cognitiva.

**Palavras-chave:** *Groupe μ*; retórica clássica; nova retórica; semiótica; semiótica cognitiva.

---

\* DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.1980-4016.esse.2025.233581>.

<sup>i</sup> Docente do Departamento de Letras Modernas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (DLM-FFLCH-USP), São Paulo, SP, Brasil. E-mail: beth.harkot@usp.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0822-6402>.

## Introdução

Este artigo se estrutura em quatro partes e “considerações finais”. Inicialmente, introduzimos o *Groupe μ* e contextualizamos algumas de suas principais obras. Em seguida, apresentamos um panorama da retórica clássica e situamos as contribuições do *Groupe μ* no contexto das duas principais vertentes da Nova Retórica, a partir da segunda metade do século XX. Na terceira parte, exploramos o deslocamento de sua produção intelectual para o campo da semiótica, destacando suas contribuições tanto para a expansão desse domínio quanto para a consolidação de uma semiótica cognitiva. Por fim, delineamos os principais fundamentos dessa semiótica cognitiva.

### 1. Sobre o *Groupe μ*

O *Groupe μ*, criado em 1967 em Liège, Bélgica, surgiu de uma equipe multidisciplinar insatisfeita com a rigidez acadêmica da época e motivada a debater livremente questões de interesse comum, fora das restrições institucionais vigentes. Inicialmente composto por seis membros titulares — Jacques Dubois, Francis Pire, Hadelin Trinon, Philippe Minguet, além de Francis Édeline e Jean-Marie Klinkenberg, estes, ativos até o presente —, o *Groupe μ* desenvolve pesquisas interdisciplinares em retórica, poética, semiótica e teoria da comunicação linguística e visual. Desde o lançamento de seu primeiro livro, *Rhétorique générale* (1970), suas obras têm sido amplamente traduzidas para diversas línguas.

Sediado na Universidade de Liège, o *Groupe μ* tem ou teve entre seus membros associados Sémir Badir e Maria Giulia Dondero (pesquisadores do FNRS, agência de fomento belga), Laurence Bouquiaux, Philippe Dubois, Marcel Otte, Bénédicte Vauthier e Jean Winand, além de correspondentes, como Árpád Vigh, Göran Sonesson (Badir, 2010) aos quais acrescentamos Elizabeth Harkot-de-La-Taille, por sua leitura crítica pré-publicação de *Principia Semiotica* (*Groupe μ*, 2015).

O nome do *Groupe μ* incorpora a letra grega  $\mu$ , inicial de *metáfora*, a mais potente e conhecida figura de retórica. Remete também à *metonímia*, figura central no renascimento da retórica nos anos 1960, e à *metábola*, termo genérico para figuras.

Paralelamente aos seus trabalhos individuais em bioquímica, sociologia da cultura, estética, linguística e semiótica, os autores publicaram coletivamente o mencionado *Rhétorique générale* (1970), um clássico traduzido para mais de vinte línguas e reconhecido pela revista *Sciences Humaines* como uma das cem obras mais marcantes do século XX, *Rhétorique de la poésie* (1977), *Collages*

(1978), *Rhétorique, sémiotique* (1979), *Traité du signe visuel. Pour une rhétorique de l'image* (1992) — obra considerada por alguns, como Göran Sonesson, comparável no âmbito da significação visual ao que o *Curso de Linguística Geral* de Ferdinand de Saussure foi para a linguística —, *Figuras, conocimiento, cultura. Ensayos retóricos* (2003), bem como numerosos artigos em revistas de destaque, como *Cahiers internationaux de symbolisme*, *Communications*, *Communication et langage*, *Degrés*, os *Documents de travail d'Urbino*, *Era*, *Le Français moderne*, *Poétique*, *Protée*, *RS/SI*, *Signata*, *Textes*, *Versus*, *Visio*, entre outras publicações.

Participantes ativos também na sociedade, vários integrantes do *Groupe μ* assinaram o *Manifeste pour la culture wallonne* (1983). Esse manifesto defende a construção de uma sociedade valona integrando a dimensão cultural ao projeto econômico e se tornou um marco significativo na conscientização valona e na afirmação da identidade regional.<sup>1</sup>

Foram homenageados pela Universidade de Liège e comunidade semioticista do norte da Europa, nos dias 11 e 12 de abril de 2008, com a realização do Colóquio *Groupe Mu. Quarante ans de recherche collective*, organizado por Maria Giulia Dondero, Sémir Badir e Göran Sonesson. As atas do Colóquio foram traduzidas para o português e publicadas pela revista *Estudos Semióticos*, v. 11, Dossiê Especial *Groupe μ* (2015) ISSN 1980-4016.<sup>2</sup> A Figura 1 traz um fac-símile do cartaz de divulgação do Colóquio:

**Figura 1:** Cartaz de divulgação do *Colóquio Groupe Mu. Quarante ans de recherche collective*.



Fonte: Université de Liège.<sup>3</sup>

<sup>1</sup> Para mais informações, ver <https://connaitrelawallonie.wallonie.be/fr/etiquettes/manifeste>.

<sup>2</sup> Disponível em <https://www.revistas.usp.br/esse/issue/view/8415>, acesso em: 30/01/2025.

<sup>3</sup> Disponível em <https://www.groupe-mu.uliege.be/Groupe/Groupe.html>, acesso em: 30/01/2024. O texto do argumento consta ao final deste artigo, em português e francês.

## 2. Breve panorama da retórica

### 2.1. A retórica clássica

A retórica clássica surgiu na Grécia Antiga, no século V a.C., em um contexto marcado pela necessidade prática de resolver disputas legais e políticas, após o fim de regimes tirânicos, por meio de um novo tipo de resolução de conflitos.

Uma certa forma de democratização havia, de fato, levado a um novo tipo de gestão de conflitos de interesses, sendo o conflito nada mais do que um caso particular de oposição semiótica. Esses conflitos deviam, doravante, ser resolvidos diante de uma instância reconhecida como legítima por todos, e não mais diretamente entre as pessoas envolvidas<sup>4</sup> (Klinkenberg, 1996, p. 334, tradução nossa).

Klinkenberg (1996, p. 334-376) apresenta uma visão panorâmica da história da retórica e de seus conteúdos, que serve como base para este item. Segundo o autor, à força física impunha-se uma força semiótica, isto é, a força do discurso, na busca da adesão da coletividade ou dos seus representantes a uma tese defendida.

A retórica antiga surgiu inicialmente como uma prática judiciária, fundamentada em técnicas discursivas destinadas a convencer ou persuadir os ouvintes. Posteriormente, desenvolveu-se uma vertente especulativa, com desdobramentos na filosofia. Iniciemos pela retomada sucinta de sua vertente prática, ainda que cada um dos itens a seguir tenha instigado reflexões teóricas.

A retórica clássica caracterizava quatro (ou cinco) etapas atinentes à produção de um discurso:

1. *Inventio*, etapa da busca de argumentos e provas;
2. *Dispositio*, fase da definição da ordem dos argumentos. Neste âmbito, surgiu a noção de que um discurso se estrutura em partes distintas, tais como, entre outras,
  - a. *Exordium* (Introdução — dedicada a capturar a atenção do público e estabelecer o *ethos* do orador);
  - b. *Narratio* (Narrativa — empregada a fim de situar o contexto relacionado ao tópico);

---

<sup>4</sup> No original: “Une certaine forme de démocratisation avait en effet débouché sur un nouveau type de gestion des conflits d'intérêts, le conflit n'étant rien d'autre qu'un cas particulier d'opposition sémiotique. Ces conflits devaient dorénavant se régler devant une instance reconnue comme légitime pour tous, et non plus directement entre les personnes qui y étaient impliquées”.

- c. *Confirmatio* (Confirmação — exercida por meio da apresentação de argumentos principais e evidências);
  - d. *Refutatio* (Refutação — dedicada a antecipar e refutar contra-argumentos);
  - e. *Peroratio* (Conclusão — empenhada em resumir os pontos principais e em suscitar o apelo emocional final);
3. *Elocutio*, estágio do refinamento dos argumentos pela escolha das palavras e por meio do uso de figuras de linguagem e tropos;
  4. *Actio*, parte em que se ensaia a performance do enunciado a ser feita diante do destinatário, incluindo voz, gesto, expressões faciais, etc.
    - a. *Memoria*, momento do uso de técnicas mnemônicas para memorizar o discurso. Esta fase é apresentada tanto antes de *Actio*, como enquanto uma subdivisão sua. Ela era e é particularmente importante em sociedades orais. Os recursos tecnológicos atuais minimizam seu papel.

Igualmente, deve-se à retórica antiga, por sua vertente teórica, a teoria dos três gêneros: jurídico, deliberativo e epidítico.

Esses três discursos se caracterizam, de fato, cada um por (1) um tipo de ato social, (2) um critério de sucesso ou pertinência desse ato, (3) a preferência por uma perspectiva temporal e (4) a preferência por uma determinada técnica discursiva. Entende-se que essa tipologia seja ternária: de fato, só existem três tempos possíveis<sup>5</sup> (Klinkenberg, 1996, p. 337, tradução nossa).

O discurso jurídico tem como objetivo atos de acusação e de defesa. Baseia-se na verossimilhança: “quando a polícia chegou, ele jogou pela janela uma mala cheia de dinheiro”; é verossímil que esse dinheiro seja fruto de ilegalidades. Esse tipo de discurso remete obrigatoriamente a atos do passado, pois acusação ou defesa só têm sentido em relação a fatos estabelecidos. O discurso jurídico constitui, assim, uma estruturação e, portanto, uma semiotização do passado, pelo emprego principalmente de entimemas, isto é, silogismos incompletos. Silogismo é o mecanismo discursivo que produz o efeito de sentido de uma prova racional: “quem realizou o ato *y* é quem tinha interesse nesse ato; ora, *x* tem esse interesse; logo, *x* cometeu *y*”<sup>6</sup> (Klinkenberg, 1996, p. 338, tradução nossa).

<sup>5</sup> No original: “Ces trois discours se caractérisent en effet chacun (1) par un type d’acte social, (2) par un critère de réussite ou de pertinence de cet acte, (3) par la préférence pour une perspective temporelle et (4) par la préférence pour une certaine technique discursive. On comprend que cette typologie soit ternaire : il n’y a en effet que trois temps possibles.”

<sup>6</sup> No original: “[...] celui qui a fait l’acte *y* est celui qui avait intérêt à cet acte : or, *x* a cet intérêt ; donc *x* a commis *y*. ”

O discurso deliberativo almeja fazer outrem agir. Apoia-se na utilidade: se o público age, é em função de um interesse que compartilha. Ele remete ao futuro, dado que a ação será posterior à incitação ou exortação, que se fará majoritariamente pelo emprego de exemplos projetando consequências para a ação defendida.

Por fim, o discurso epidítico almeja o elogio ou a crítica. Seu critério é o belo. Remete-se ao presente e faz uso principalmente do mecanismo de amplificação, como a exaltação de valores, promovendo a mobilização emocional da plateia para o reconhecimento das virtudes ou das fraquezas apresentadas.

Essas categorias são fundamentais na teoria da retórica antiga e são até hoje influentes em estudos sobre comunicação e argumentação.

## 2.2 O renascimento da retórica no século XX

Jean-Marie Klinkenberg (1996, p. 339, tradução nossa) elucida que a retórica “oscilou constantemente entre uma concepção social e uma concepção formalista”.<sup>7</sup>

Nos períodos de relativa democracia, a retórica tem lugar cativo enquanto recurso — arte da argumentação — em debates almejando gerir diferenças, contradições e conflitos. Já nos períodos de menos democracia, de menores liberdade e pluralidade, ela se restringe a um exercício formal relativo à *elocutio*, apoiando a produção de discursos ornamentados e, não raramente, vazios de conteúdo.

Renascida na segunda metade do século XX, a nova retórica carrega as marcas das duas orientações anteriores, tornando mais apropriado falar-se em duas novas retóricas, a da argumentação e a das figuras.

Essas duas retóricas diferenciam-se em três aspectos: os objetos de que tratam; seus conceitos centrais e seus estatutos epistemológicos.

A primeira nova retórica associa-se à fileira de Perelman, cuja perspectiva, além do persuadir pelo discurso, prevê a análise, a estruturação e a elaboração dos argumentos, por meio do estudo dos mecanismos do discurso social geral e de sua eficiência prática. Perelman propõe um método fundamentado na argumentação e no conhecimento das premissas e disposições do público apoiado na verossimilhança. Em outras palavras, recupera integralmente a herança da retórica clássica.

A segunda nova retórica privilegia a *elocutio*, desenvolve-se inicialmente em torno de questões da poética e se ocupa dos mecanismos de inovação da língua. Como aprofundamento, expande sua produção teórica para a “retórica da

---

<sup>7</sup> No original: “[...] a constamment oscillé entre une conception sociale et une conception formaliste.”

“imagem” (Anderssen, 2015), isto é, para os mecanismos de significação no domínio visual, entre outros. Tem como expoente o *Groupe μ*.

Os conceitos centrais à primeira nova retórica são os esquemas — processos gerais da argumentação. Os da segunda são as figuras, sobretudo, as figuras semânticas ou *tropos*.

A terceira distinção diz respeito ao estatuto epistemológico das duas novas retóricas. A primeira, tendo uma orientação social, afasta para fora de seu campo de ação as exceções e trabalha com objetos comuns e, portanto, interessa-se ao idêntico e à sua permanência. A segunda dedica-se ao que parece excepcional, interessa-se pela ruptura e aí encontra as figuras, estas últimas frequentemente definidas como recurso de linguagem utilizado para criar efeitos de sentido, vistas como desvios ou intensificações no uso comum das palavras. Como diz o semiótico belga, “se essa segunda nova retórica recusa algo, é, portanto, o banal”.<sup>8</sup> (Klinkenberg, 1996, p. 341, tradução nossa).

Feitas as distinções, passemos aos pontos comuns às novas retóricas, em boa parte oriundos de sua herança teórica, embora compartilhem características distintas da retórica antiga: a) estudam o discurso — ao analisarem o enunciado, buscam traços da enunciação. Têm, portanto, vocação pragmática; b) apoiam-se no princípio de cooperação; c) colocam técnicas mediadoras como interesse central, visto que tanto a argumentação como as figuras empenham-se em renegociar a distância — ou a oposição — entre as partes; d) as duas novas retóricas baseiam-se na diversidade das variedades semióticas e encontram sua eficácia nas correlações entre a distribuição dessas variedades e as distintas estratificações sociais.

Postas essas considerações, passemos a uma caracterização mais fina da retórica das figuras.

### 2.3 A retórica do *Groupe μ*

“A figura retórica é um dispositivo que consiste em produzir sentidos implícitos, de tal maneira que o enunciado em que se encontra seja polifônico”.<sup>9</sup> (Klinkenberg, 1996, p. 343, tradução nossa). Isto é, para dele fazer sentido, em primeiro lugar, o enunciatário se dá conta de um ou mais elementos incongruentes na superfície do enunciado — elemento(s) que o *Groupe* chama de *grau percebido*. Em segundo lugar, o enunciatário produz um conjunto difuso de interpretações que se superpõem ao *grau percebido*, chamado de *grau concebido*. Perceba-se que o *Groupe μ* fala em superposição e não substituição,

---

<sup>8</sup> No original: “[...] si cette seconde néo-rhétorique refoule quelque chose, c'est donc le banal.”

<sup>9</sup> No original: “La figure rhétorique est un dispositif consistant à produire des sens implicites, de telle manière que l'énoncé où on le trouve soit polyphonique.”

pois o efeito retórico, conforme sublinham, deriva da interação dialética entre os dois graus, o *percebido* e o *concebido*.

Os pesquisadores fornecem o exemplo do bordão publicitário de uma antiga propaganda de empresa petrolífera, “Ponha um tigre no motor”. Quatro etapas são realizadas pelo enunciatário, para dele fazer sentido: 1. na primeira, ele identifica uma isotopia; 2. na segunda, reconhece uma impertinência, uma alotopia (quebra da isotopia — um elemento (ou mais de um) não está de acordo com os outros); 3. na terceira, desenrola-se uma operação de reconstrução do sentido, que, num primeiro momento, recai sobre a escolha do elemento incongruente (se a isotopia escolhida é a da máquina, o elemento incongruente será “tigre”, mas, a rigor, /animal/ poderia ser entendido como centro isotópico, o que tornaria “motor” incongruente). Num segundo momento, constrói-se um esboço do *grau concebido*, superpondo-se conteúdo seu compatível com o *grau percebido*, dado pelo enunciado, o que, aqui, seria algo da ordem de /tipo de máquina “dotada de potência”/; 4. na quarta e última etapa, superpõe-se o *grau percebido* e o *grau concebido prévio*, em tensão dialética, e se chega ao *grau concebido* completo ou final, aproximando “tigre” não apenas de “um tipo de máquina ‘dotada de potência’”, mas de “um tipo de máquina viva, ágil, forte, potente, veloz e até mesmo elegante”. O “tigre” opera a transformação do motor comum em motor “dotado de várias das características do felino”.

Klinkenberg (1996, p. 347, tradução nossa), insiste:

A primeira coisa a ressaltar, mais uma vez, é que não se substitui uma porção de enunciado desviante ou falho por um “sentido próprio”: é a interação entre os dois níveis que funda a figura, e, portanto, não pode haver uma “substituição”. Uma simples “substituição” eliminaria toda a mediação.

A segunda é que o singular de “nível concebido” não deve nos enganar: como vimos, o nível concebido completo é um conjunto que pode ser relativamente complexo e que, em geral, não pode ser explicado de forma simples.<sup>10</sup>

Dois conceitos operantes na compreensão das figuras retóricas ainda precisam ser destacados: a *cooperação* e a *encyclopédia*.

Na pragmática, o princípio de cooperação foi proposto para o nível da enunciação, como uma norma regendo as relações entre parceiros, a fim de realizarem uma boa comunicação. Klinkenberg (1996, p. 320-321) abandona essa definição e considera cooperação no nível do *enunciado*, como tendência à

<sup>10</sup> No original: “La première chose à souligner, une nouvelle fois, c'est qu'on ne remplace pas une portion d'énoncé déviante ou fautive par un 'sens propre' : c'est l'interaction entre les deux degrés qui fonde la figure, et il ne peut donc y avoir de 'remplacement'. Un simple 'remplacement' supprimerait toute médiation. La seconde est que le singulier de 'degré conçu' ne doit pas nous abuser : comme on l'a vu, le degré conçu complet est un ensemble qui peut être relativement complexe, et qu'on ne peut en général gérer de manière simple.”

*economia semiótica*, isto é, à pertinência. A cooperação é responsável pela busca de isotopia em enunciados alotópicos.

Já a enciclopédia é definida, nos termos do *Groupe μ*, como um sistema determinado de classificações de entidades distinguidas de acordo com suas qualidades e às quais são atribuídas certas interações. A enciclopédia abriga os conhecimentos de mundo dos sujeitos.

A alotopia inerente à figura retórica viola, portanto, a enciclopédia comum na base da comunicação, obrigando à sua reavaliação e produzindo sua reorganização, necessárias para a continuidade da comunicação. O enunciador produz uma perturbação na enciclopédia que precisa ser superada pelo enunciatário, por meio de um esforço de reinterpretiação, em que um novo nível isotópico se estabelece, ainda que provisoriamente.

O efeito das figuras retóricas pode ser atingido por vias não linguísticas. Retomando o bordão publicitário citado, a logomarca da empresa petrolífera trazia o desenho de um tigre, o que relacionava as qualidades do /animal/ às qualidades que a empresa projetava para si e que oferecia transferir para o motor do carro.

Tais efeitos dependem do trabalho de interpretação do enunciatário. Ora, nem sempre o sentido retórico é interpretado. O enunciatário pode reagir de cinco maneiras diferentes: 1. a não-consciência, ao não se dar conta da alotopia e fazer-lhe uma leitura isotópica; 2. a avaliação de erro, ao atribuir à alotopia uma disfunção accidental e “corrigir” o enunciador; 3. a monosemiotização, ao reduzir a tensão dialética entre os elementos alotópicos, seja em favor da *doxa* ou do novo. No caso da valorização da *doxa*, o processo é o da catacrese, como “braço de poltrona” ou “nariz do avião”, que não fazem mais pensar em um corpo. No segundo, da valorização do novo, tem-se a reavaliação científica, em que a figura é levada a sério, como hipótese capaz de promover uma recategorização da experiência — a palavra “corrente” (de um rio, por exemplo), originalmente do domínio da hidráulica, passa também ao domínio da eletricidade; 4. a retoricidade, ao interpretar o sentido retórico, capaz de promover a expansão da enciclopédia; 5. a avaliação de não-interpretabilidade, ao decidir que o enunciado não faz sentido e romper a interação e a cooperação (Grupo *μ*, 2015, p. 462-466).

À introdução à retórica do *Groupe* poderiam seguir reflexões sobre o papel da figura retórica na recategorização retórica e científica, que compartilham uma base comum, na mediação e reorganização do sistema, nas mudanças sociais, entre muitas outras. No entanto, parece-nos mais apropriado neste espaço destacar a aproximação realizada entre retórica e semiótica e o papel da recategorização da experiência, nesse âmbito.

### 3. O *Groupe μ* e a semiótica

#### 3.1 Aproximação da retórica à semiótica

Badir (2010) propõe quatro períodos do percurso do *Groupe μ*: 1. *Uma retórica geral*, período em que a nova retórica das figuras assume a postura de aplicar à retórica os conceitos da linguística estrutural; 2. *Uma retórica da poesia*, fase da abordagem dos *efeitos retóricos*, num encontro do mecanismo formal que descreve a retórica e das condições semânticas da poesia, em uma leitura antropológica; 3. *Por uma retórica da imagem*, período de elaboração teórica da transferência de conceitos tropológicos do estudo da linguagem verbal para o da linguagem visual, culminando na publicação do formidável *Traité du signe visuel*, livro que transformou a identidade disciplinar do coletivo e que levou a designação de semióticistas visuais a prevalecer sobre a de retoricistas; 4. *Uma retórica do conhecimento*, que, no momento da publicação do artigo, ainda estaria por vir. Retomaremos este quarto tema adiante.

Sigamos agora com Badir e Dondero (2010), a fim de mostrar que o pensamento do *Groupe* ressalta a relação intrínseca entre retórica e semiótica. Para que uma retórica seja considerada fundamental, ela precisa alcançar um nível de abstração comparável ao atingido por teóricos pioneiros da semiótica, como Peirce e Hjelmslev. Além disso, uma retórica só pode ser verdadeiramente abrangente se contemplar campos de aplicação tão diversos quanto os englobados pela semióse. Nesse contexto, ao expandir seu modelo para incluir os domínios da imagem, o *Groupe μ* assumiu o compromisso de contribuir para a criação e o desenvolvimento da semiótica visual. Apesar de existirem trabalhos semióticos anteriores nessa área, o *Traité du signe visuel* é amplamente reconhecido como uma obra de referência fundadora.

Maria Giulia Dondero, no artigo “*Rhétorique des figures visuelles et argumentation par images dans le discours scientifique*”, de 2010, continuam os autores, analisa a relação entre a semiótica e a retórica visuais no contexto dos trabalhos do *Groupe μ*, estabelecendo um paralelo com a maneira como essa relação é abordada na teoria pós-greimasiana da enunciação em ato. Nesse processo, a autora busca destacar as diferentes abordagens para compreender a especificidade da retórica visual no âmbito de projetos disciplinares mais amplos. Essa análise comparativa possibilita transcender o estudo do tropo como uma figura local alotópica, para explorar os desafios argumentativos que emergem da organização e da sequência de imagens e de textos verbais em nível discursivo, abrangendo também uma retórica dos gestos produtivos e dos tons discursivos.

### 3.2 O *Groupe μ*, interdisciplinaridade e semiótica

Consolidando-se como uma abordagem interdisciplinar, as contribuições do *Groupe μ* à semiótica visual redefiniram os limites da semiótica geral, ampliando-os. Desde seus primeiros trabalhos, o coletivo se dedicou ao estudo dos fenômenos da comunicação visual, embora em um contexto distinto daquele que orientou a elaboração de *Rhétorique générale*. Se, nos anos 1960, a existência de um arcabouço consolidado de conceitos linguísticos permitiu o desenvolvimento de uma retórica verbal contemporânea, o mesmo não se aplicava ao domínio visual. À época, a chamada “semiótica visual” — com exceção das propostas de Christian Metz, Umberto Eco e Nelson Goodman — permanecia dispersa, frequentemente reduzida a análises subjetivas da arte em um jargão técnico impreciso ([https://fr.wikipedia.org/wiki/Groupe\\_%C2%B5](https://fr.wikipedia.org/wiki/Groupe_%C2%B5)). Antes de formular uma teoria da “retórica da imagem”, na expressão de Anderssen (2015), o *Groupe μ* identificou a necessidade de construir um modelo teórico robusto. Foi dessa exigência que emergiu sua principal contribuição ao campo: *Traité du signe visuel* (1992), obra que propôs uma gramática geral da imagem, independente do corpus específico analisado.

A ampliação da semiótica visual repercutiu na própria semiótica geral. Um dos desafios centrais enfrentados pelo *Groupe μ* foi a articulação entre experiência sensorial e produção de sentido, questão que remete à gênese da significação. Ademais, a originalidade da contribuição do grupo de Liège reside em construir “uma ponte entre as disciplinas cognitivas e uma semiótica frequentemente imanentista”<sup>11</sup> (*Groupe μ*, [s.d.], tradução nossa). O coletivo demonstra que a significação emerge de “perceptos elementares, que integram e organizam os estímulos com base em mecanismos perceptivos especializados, em um processo de abstração voltado para categorizar a experiência”<sup>12</sup> (*Groupe μ*, [s.d.], tradução nossa). Nesse percurso, o *Groupe μ* desempenhou um papel fundamental no estabelecimento de uma semiótica cognitiva.

No campo ainda mais amplo das ciências da linguagem, cujo desenvolvimento é concomitante ao percurso do *Groupe μ*, as inevitáveis aspirações generalistas dos diversos teóricos da área os levam a refletir sobre o objeto retórico e sua posição dentro de uma configuração mais abrangente. Isso ocorre especialmente no domínio da semiótica, em sua vertente pós-greimasiana e contemporânea, onde a retórica tem sido objeto de uma elaboração teórica significativa. Nesse contexto, a ação de uma figura retórica é integrada à análise das práticas discursivas — literárias e artísticas, mas também científicas e políticas —, revelando, assim, sua dimensão enunciativa e seus efeitos de sentido, incluindo os efeitos

---

<sup>11</sup> No original: “[...] un pont entre les disciplines cognitives et une sémiotique souvent immanentiste.”

<sup>12</sup> No original: “[...] percepts élémentaires, intégrant et organisant les stimuli à partir de mécanismes perceptifs spécialisés, dans une démarche d’abstraction visant à catégoriser l’expérience.”

patêmicos sobre o receptor<sup>13</sup> (Badir; Dondero, 2010, p. 14, tradução nossa).

Assim, a opção do *Groupe μ* de inscrever a retórica em um quadro disciplinar mais amplo recaiu sobre a semiótica.

Mais ampla, a semiótica? Sim, sem dúvida; em todo caso, acolhedora, já que não se trata de filiar o *Groupe μ* a uma escola ou a um movimento qualquer. Em termos claros: o *Groupe μ* não é nem greimasiano, nem peirciano — de qualquer forma, nos anos 1960 e 1970, o mundo dos semióticos parecia menos dividido do que se apresenta hoje<sup>14</sup> (Badir, 2010, p. 28, tradução nossa).

Badir (2010) elucida que, dentro desse espaço, o coletivo pôde permanecer à margem, preservando sua autonomia e afirmando-se como um outsider exuberante. De todo modo, a adesão da retórica à semiótica permanece determinante para a trajetória do *Groupe μ* e para as inflexões que têm orientado seu programa de pesquisa. A guinada visualista do final dos anos 1970 se inscreve nesse percurso, configurando-se como uma contribuição à semiótica, então concebida como o único quadro teórico capaz de fundamentar uma investigação sistemática da retórica da imagem.

Fechando este item, observamos que, de uma base inicialmente estruturalista, o pensamento do *Groupe μ* evoluiu gradualmente em direção a uma abordagem pragmatista, incorporando considerações sobre o uso e a interpretação dos signos em contextos específicos. Esse movimento não apenas ampliou o escopo teórico do coletivo, mas também abriu caminho para a integração de questões ligadas à cognição, tais como a recategorização da experiência. Assim, em sua fase mais recente, o *Groupe μ* adota uma perspectiva semiótica propriamente cognitivista, que esboçamos a seguir.

#### 4. Um programa de semiótica cognitiva

*Principia semiotica: aux sources du sens* (Groupe μ, 2015) resulta de mais de 25 anos de trabalho intelectual conjunto pontuados por períodos de escrita,

<sup>13</sup> No original: “Dans le champ plus large encore des sciences du langage, dont l’élaboration est concomitante du parcours du Groupe μ, les aspirations inévitablement généralistes des différents théoriciens du champ vont les conduire à porter leurs réflexions sur l’objet rhétorique et sur sa place dans une configuration plus large. C’est en particulier le cas en sémiotique, dans sa mouvance post-greimassienne et contemporaine, où la rhétorique est l’objet d’une élaboration théorique conséquente, intégrant l’action d’une figure dans le cadre d’une analyse des pratiques discursives (littéraires et artistiques, mais aussi scientifiques ou politiques), révélant par là même la dimension énonciative de cette figure et ses effets de sens, y compris les effets pathémiques, sur le récepteur.”

<sup>14</sup> No original: “Plus large, la sémiotique ? Oui, sans doute ; en tout cas accueillante, puisqu'il ne s'agit pas d'affilier le Groupe μ à une école ou à un mouvement quelconque. En clair : le Groupe μ n'est ni greimassien, ni peircien — de toute façon, dans les années 1960 et 1970, le monde des sémioticiens paraissait moins scindé qu'il ne se présente aujourd'hui.”

pausas, reescritas, reflexões, reorganizações. São 581 páginas dedicadas à categorização e recategorização da experiência, abordando semiose curta — a mais básica, pré-linguagem — e semiose longa — torna-se mais e mais complexa, com base em categorizações e suas reformulações, até a mais espetacular, consistindo nas recategorizações retóricas —, isto é, desde a vivência da experiência, passando por sua triagem transformada em perceptos, perceptos rearranjados em qualidades de entidades, reagrupamento de informações, estabilização dos perceptos, categorização (onde começa o alongamento da semiose), a clivagem sujeito/mundo, o sentido — na dialética positividade e negatividade — e as semióticas, o signo, a interpretação, as ferramentas semióticas e, por fim, a recategorização retórica do conhecimento e da experiência.

O *Groupe μ* (2015, p. 54-73) pleiteia que semiótica e cognição são estreitamente ligadas e a tese da semiótica cognitiva estabelece que:

1. O sentido resulta de uma interação entre os estímulos e os modelos representados pelas categorias. Isso implica um movimento duplo: do mundo para o sujeito semiótico e deste para o mundo. No primeiro movimento, à maneira da acomodação piagetiana, os estímulos atingem dispositivos que são a origem ativa dos modelos; no segundo movimento, os estímulos são objeto de uma assimilação cognitiva pelo modelo.
2. Anterior à interação com os modelos está a experiência. A estrutura semiótica elementar reflete nossa atividade de percepção dos dados do mundo: sensorialidade e sentido são intimamente conectados<sup>15</sup>. A semiótica cognitiva se destaca por colocar decisivamente a corporeidade do sentido em foco. O corpo é tanto uma estrutura submetida às leis biológicas como uma estrutura vivida, dotada de uma existência fenomenológica.
3. A interação recíproca em “1.” é também uma ação, o que torna o modelo passível de mudanças, pois permeável aos dados da experiência, e capaz de permitir a ação sobre o mundo.

Ao enfatizar que é o nosso corpo que, por meio de sua atividade perceptiva, constitui o centro dos mecanismos cognitivos e, portanto, semióticos, adotamos, como se pode ver, uma posição resolutamente monista. Esta posição se opõe ao dualismo subjacente nas teorias examinadas [...], um dualismo no qual se pode perceber a persistência das antigas concepções espiritualistas,

---

<sup>15</sup> É comum o Groupe repetir a máxima, inspirada em Leibniz: “o sentido vem dos sentidos”.

segundo as quais a alma é livre das limitações do corpo<sup>16</sup> (Groupe μ, 2015, p. 70-71, tradução nossa).

A semiótica cognitiva, sublinha o *Groupe*, permite dialetizar-se a oposição entre os recortes apriorísticos do estruturalismo idealista europeu e a crença na objetividade do percepto subjacente ao empirismo americano; possibilita observar e avaliar modos de pensamento e de ação não linguísticos (o diagrama, por exemplo) e inclusive não humanos, estendendo a semiótica a qualquer ser dotado de vida; autoriza articular uma teoria da ação (catassemiose) com uma teoria da semiogênese (anassemiose) e ancorar a pragmática à semiótica; viabiliza responder satisfatoriamente à questão da variabilidade dos sistemas categoriais e, portanto, das semióticas; torna possível integrar as perspectivas antropológica e sociológica, mantidas à distância pela postura idealista e espiritualista; concede abordar a questão da inovação e, por fim, apostar na reformulação das relações entre ciências humanas, da natureza e do sentido.

## Considerações finais

Para fechar este artigo, cedemos a palavra a Maria Giulia Dondero, Sémir Badir e Göran Sonesson, organizadores do Colóquio *Groupe Mu. Quarante ans de recherche collective* e autores de seu argumento, dadas a pertinência e a atualidade de seu conteúdo:

“A retórica do *Groupe μ* é, sem dúvida, uma das grandes retóricas deste século, ao lado das de Fontanier e Du Marsais, pela integração da nova visão estrutural da linguagem natural à velha problemática do estilo e suas figuras”.

*Michel Meyer*

### *Argumento*

Os trabalhos do *Groupe μ* sempre foram considerados fundamentais em diferentes campos da pesquisa em ciências humanas e da linguagem (semiótica, semiótica visual, retórica, análise literária, etc.), tanto por suas propostas teóricas inovadoras quanto pelas metodologias que elas induzem. Entre as primeiras, é necessário mencionar, não apenas a redefinição da retórica clássica a partir da semântica estrutural, mas também um dos poucos modelos sistemáticos de uma semiótica das imagens que existem até hoje. Do ponto de vista metodológico, basta destacar aqui o caráter híbrido da análise por meio do *exemplum*, que permite situar-se entre o textualismo e o cognitivismo.

---

<sup>16</sup> No original: “En insistant sur le fait que c'est notre corps qui, grâce à son activité perceptive, est le siège des mécanismes cognitifs et donc sémiotiques, nous occupons, on le voit, une position résolument moniste. Celle-ci s'oppose au dualisme sous-jacent dans les théories examinées [...], ce dualisme dans lequel on peut voir la rémanence des anciennes positions spiritualistes où l'âme est libre des entraves du corps.”

Tendo lançado cedo uma ponte entre as ciências do sentido e a retórica, o Grupo de Liège introduziu progressivamente preocupações estéticas, socio-comunicacionais e cognitivas férteis em uma teoria semiótica que, até então, havia permanecido principalmente formal. Entre o pragmatismo filosófico peirciano e o idealismo estruturalista europeu, ele abre, assim, um terceiro caminho para os estudos sobre o sentido e a significação, propondo posições epistemológicas jamais reducionistas.

A ousada abertura que caracteriza as teorias semióticas do *Groupe μ* provém, sem dúvida, da multidisciplinaridade deste último. Pois, se, como se diz com frequência, a semiótica tem a vocação de fazer dialogar as ciências humanas entre si, foi pela sua própria prática que o *Groupe* o demonstrou: de fato, ao longo de seu trabalho, soube integrar um amplo conjunto de questionamentos, sem se retrair por trás de posições protecionistas. Essa abertura provém também, certamente, da especificidade mais conhecida deste Bourbaki das ciências humanas: o caráter coletivo de sua abordagem. Esse espírito coletivo não é apenas um método estimulante: é também e, sobretudo, o reflexo de uma ampla abertura de espírito: dentro do *Groupe*, elaborou-se uma aliança fértil entre estilo de trabalho e acolhimento à alteridade. Vale notar que o *Groupe* frequentemente constituiu um ponto de articulação para escolas semióticas que pouco dialogaram entre si: a semiótica de Liège não estabeleceu relações com a semiótica de Eco, com a escola canadense e com a de Greimas?

Devido ao papel de destaque desempenhado pelo *Groupe μ*, um colóquio dedicado à sua atividade ao longo de quarenta anos (colóquio que só poderia acontecer na cidade homônima do Grupo de Liège) deverá também permitir uma reflexão sobre o futuro da semiótica, assim como da retórica moderna, sobre seu estado de saúde, sobre as convergências e divergências que as constroem.

Dondero, Badir, Sonesson

(Transcrição do argumento do Colóquio *Groupe Mu. Quarante ans de recherche collective*,<sup>17</sup> tradução nossa). ●

<sup>17</sup> No original: "La rhétorique du Groupe Mu est sans conteste l'une de grandes rhétoriques de ce siècle, au même titre que celles de Fontanier et de Du Marsais, par l'intégration de la vision nouvelle, structurale, du langage naturel à la vieille problématique du style et de ses figures. Michel Meyer"

#### *Argument*

Les travaux du Groupe μ ont toujours été considérés comme fondamentaux dans différents champs de la recherche en sciences humaines et du langage (sémiotique, sémiotique visuelle, rhétorique, analyse de la littérature, etc.), tant pour leurs propositions théoriques innovatrices que pour les méthodologies qu'ils induisent. Parmi les premières, il faut mentionner, non seulement la redéfinition de la rhétorique classique à partir de la sémantique structurale, mais aussi l'un des rares modèles systématiques d'une sémiotique des images qui existent à ce jour. D'un point de vue méthodologique, il suffit ici de mettre en avant le caractère hybride de l'analyse par le moyen de l'exemplum, qui permet de se situer entre le textualisme et le cognitivisme.

Ayant tôt jeté un pont entre sciences du sens et rhétorique, le Groupe de Liège a progressivement introduit des préoccupations esthétiques, socio-communicationnelles et cognitives fécondes dans une théorie sémiotique qui, jusque-là, était restée surtout formelle. Entre le pragmatisme philosophique peirciano et l'idéalisme structuraliste européen, il fraie ainsi une troisième voie aux études sur le sens et la signification, en proposant des positions épistémologiques jamais réductionnistes.

## Referências

- ANDERSSON, Fred. Cinco perguntas para Francis Édeline e Jean-Marie Klinkenberg. *Estudos Semióticos*, v. 11, n. 3, p. 87–91, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.1980-4016.esse.2015.111094>. Acesso em: 5 jan. 2025.
- BADIR, Sémir; DONDERO, Maria Giulia. Présentation : le Groupe μ entre rhétorique et sémiotique. *Protée*, v. 38, n. 1, p. 5-8, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.7202/039697ar>. Acesso em: 8 jan. 2025.
- BADIR, Sémir. Éléments pour une biographie du Groupe μ. *Protée*, v. 38, n. 1, p. 9-18, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.7202/039698ar>. Acesso em: 10 jan. 2025.
- DONDERO, Maria Giulia. Rhétorique des figures visuelles et argumentation par images dans le discours scientifique. *Protée*, v. 38, n. 1, p. 41-53, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.7202/039701ar>. Acesso em 10 jan. 2025.
- ESTUDOS SEMIÓTICOS. Dossiê Especial Grupo μ. Editoras convidadas responsáveis pelo dossiê: Elizabeth Harkot-de-la-Taille e Adriana Zavaglia, 2015. Disponível em: <https://revistas.usp.br/esse/issue/view/8415>. Acesso em: 28 dez. 2024.
- GROUPE μ. *Rhétorique générale*. Paris: Éditions Larousse, 1970.
- GROUPE μ. *Rhétorique de la poésie*. Lecture linéaire, lecture tabulaire. Bruxelles: Éditions Complexe, 1977.
- GROUPE μ. *Collages*, numéro spécial de la Revue d'esthétique, nº 3-4. Paris, U.G.E., 1978. coll. 10/18.
- GROUPE μ. *Rhétorique, sémiotique*, nº spécial de la Revue d'Esthétique, nº 1-2. Paris: U.G.E., 1979. coll. 10/18.
- GROUPE μ. *Traité du signe visuel*. Pour une rhétorique de l'image. Paris: Éditions Le Seuil, 1992.
- GROUPE μ. *Figuras, conocimiento, cultura. Ensayos retóricos*, Universidad Nacional Autónoma de México, Instituto de Investigaciones Filológicas, 2003, coll. Bitácora de retórica, 18.
- GROUPE μ. *Principia semiotica*: aux sources du sens. Bruxelles: Les Impressions Nouvelles, 2015.
- GROUPE μ. *Wikipédia*. [s.l.], [s.d.]. Disponível em: [https://fr.wikipedia.org/wiki/Groupe\\_%C2%B5](https://fr.wikipedia.org/wiki/Groupe_%C2%B5). Acesso em: 25 maio 2025.
- KLINKENBERG, Jean-Marie. *Précis de sémiotique général*. Paris: Seuil, 1996.
- MANIFESTE pour la culture wallone. *Culture et Société. La Revue Toudi*. [s.l.], 11 abr. 2009 [1983]. Disponível em: <http://www.larevuetoudi.org/fr/story/manifeste-pour-la-culture-wallonne-1983>. Acesso em: 27 maio 2025.

---

La courageuse ouverture qui caractérise les théories sémiotiques du Groupe μ provient sans nul doute de la multidisciplinarité de ce dernier. Car si, comme on le dit fréquemment, la sémiotique a pour vocation de faire dialoguer les sciences humaines entre elles, c'est par sa propre pratique que le Groupe l'a démontré : en effet, tout au long de son travail, il a su intégrer un faisceau très ample de questionnements, sans se retrancher derrière des prises de positions protectionnistes. Cette ouverture provient aussi, assurément, de la spécificité la plus connue de ce Bourbaki des sciences humaines : le caractère collectif de sa démarche. Cette collégialité n'est pas seulement une stimulante méthode : c'est aussi et surtout le reflet d'une large ouverture d'esprit : au sein du Groupe, s'est élaboré une alliance féconde entre style de travail et accueil à l'altérité. On note d'ailleurs que le Groupe a souvent constitué un point d'articulation pour des écoles sémiotiques qui n'ont que très peu dialogué entre elles : la sémiotique liégeoise n'a-t-elle pas construit des relations avec la sémiotique d'Eco, avec l'école canadienne, et avec celle de Greimas ?

En raison de ce rôle joué de premier plan par le Groupe μ, un colloque consacré à son activité au long de quarante années (colloque qui ne saurait avoir lieu que dans la ville éponyme du Groupe de Liège) devrait aussi permettre une réflexion sur l'avenir de la sémiotique ainsi que de la rhétorique moderne, sur leur état de santé, sur les convergences et les divergences qui les construisent."

---

 **Groupe μ. rhetoric and semiotics**

---

 **HARKOT-DE-LA-TAILLE, Elizabeth**

---

**Abstract:** This paper is structured into four parts, followed by “final considerations”. Initially, we introduce *Groupe μ* and provide context for some of its key works. Next, we present a general overview of classical rhetoric and situate *Groupe μ*’s contributions within the two main New Rhetoric branches of the discipline from the second half of the 20th century onward. In the third part, we explore the progressive shift of its intellectual production toward the field of semiotics, highlighting its contributions both to the expansion of this domain and to the consolidation of cognitive semiotics. Finally, we outline the main foundations of this cognitive semiotics.

**Keywords:** *Groupe μ*; classical rhetoric; contemporary rhetoric; semiotics; cognitive semiotics.

---

#### Como citar este artigo

HARKOT-DE-LA-TAILLE, Elizabeth. *Groupe μ. retórica e semiótica*. *Estudos Semióticos* [online], vol. 21, n. 2. Dossiê temático: “Semiótica e retórica”. São Paulo, agosto de 2025, p. 14-29. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/esse>. Acesso em: dia/mês/ano.

---

#### How to cite this paper

HARKOT-DE-LA-TAILLE, Elizabeth. *Groupe μ. retórica e semiótica*. *Estudos Semióticos* [online], vol. 21, issue 2. Thematic issue: “Semiotics and rhetoric”, São Paulo, August 2025, p. 14-29. Retrieved from: <https://www.revistas.usp.br/esse>. Accessed: month/day/year.

---

Data de recebimento do artigo: 03/02/2025.

Data de aprovação do artigo: 08/06/2025.

---

Este é um artigo publicado em acesso aberto sob uma licença

Creative Commons CC BY-NC-SA 4.0 Internacional.

This is an open access article distributed under the terms of a  
Creative Commons CC BY-NC-SA 4.0 International License.

